

O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS: UMA ANÁLISE DO FILME “O ENIGMA DAS CARTAS”

Raira de Farias Vilar
Joana Dark Costa

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
rairavilar.rv@gmail.com
joanadc2@yahoo.com.br

Resumo: O filme “O enigma das cartas” retrata o drama de uma família, composta por uma mãe e dois filhos, cuja filha mais nova, Sally, sofre um trauma com a perda do pai e é, posteriormente, diagnosticada com autismo. Durante o longa, a menina desenvolve diversas capacidades cognitivas não observadas anteriormente na personagem, o que nos possibilitou um estudo sobre como as inteligências se destacam nas pessoas. Desse modo, neste trabalho temos como objetivo analisar como a criança desenvolve suas capacidades cognitivas e quais ganham mais destaque no enredo do filme. Para isso, nos valem da teoria das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner (1995), que propõe, inicialmente, sete tipos de desenvolvimentos cognitivos para o ser humano, expandindo-os, posteriormente, para nove. Sendo assim, buscamos identificar quais das nove inteligências (linguística, lógico-matemática, musical, espacial, corporal-cinestésica, intrapessoal, interpessoal, naturalista e existencial) foram desenvolvidas mais explicitamente pela personagem de modo que possamos compreender quais fatores influenciaram o desenvolvimento de cada inteligência e como podemos trazer isso para o âmbito educacional. Visto que cinema e educação podem estar intrinsecamente ligados, nos valem das contribuições de Gardner (1995) – como citado anteriormente – Gáspari (2002), Napolitano (2014) e Klammer (2006), dentre outros teóricos, como aportes teóricos de nossa pesquisa. Como resultados, percebemos que, das Inteligências supracitadas, a corporal-cinestésica teve um destaque maior, porém, há a aparição de outras capacidades, o que nos leva a refletir sobre como é possível desenvolver estas capacidades de maneira adequada, sem forçar uma importância maior a uma ou outra, de modo que as crianças possam se desenvolver de maneira mais ativa e com menos dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave: Inteligências múltiplas, cognição, cinema, educação.

Introdução

O presente trabalho é resultado de um estudo realizado junto a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – cujo objetivo é observar como as inteligências múltiplas são representadas no filme “O enigma das cartas”, buscando mostrar que a relação intrínseca entre Psicologia/Cinema/Educação podem gerar grandes contribuições ao ensino.

Para isso, nos valem de uma pesquisa bibliográfica e documental, cujo objeto de pesquisa, o filme, já foi analisado por diversos vieses da Psicologia sem, no entanto, ter sido trabalhado sob uma ótica educacional. Sendo assim, ao buscarmos suporte nas inteligências múltiplas, visamos mostrar que o desenvolvimento da cognição durante a infância traz benefícios para a aprendizagem em qualquer etapa da vida.



Pensando nisso, buscaremos ressaltar as inteligências destacadas com mais ênfase no filme, de modo que fique clara a percepção do leitor sobre o que cada uma representa. Além disso, apresentaremos sugestões de possíveis pesquisas que ainda podem ser realizadas com o mesmo objeto de pesquisa, que, neste momento, não era de interessante abordagem.

Por fim, é importante ressaltar as contribuições dos teóricos: Gardner (1995), Gáspari (2002), Napolitano (2014) e Klammer (2006), que nos trouxeram contribuições teóricas de suma relevância para o desenvolvimento da pesquisa.

Howard Gardner e as inteligências múltiplas

Howard Gardner¹ nasceu em 1943, em Scranton, Pennsylvania; era de família alemã e para fugir do nazismo, migrou pra os Estados Unidos da América. Neste país, Gardner estudou e se formou em Psicologia, pela Universidade de Harvard, onde também realizou seu doutorado na mesma área.

Ele foi codiretor do Projeto Zero, cujo objetivo era estudar os processos de desenvolvimento de crianças e adultos. A partir do projeto, Gardner escreveu seu primeiro livro *Estruturas da mente*, onde ele relatava os resultados da pesquisa. O autor considera este o marco do desenvolvimento de sua teoria, já que posteriormente à publicação do livro, ele foi convidado para palestras e entrevistas para tratar o tema.

Uma curiosidade a respeito da teoria é que a mesma foi fortemente aceita por educadores, pais e pesquisadores da área da educação, enquanto foi “ignorada” por pesquisadores da área (Psicologia), no entanto, esse fato não diminuiu a importância da teoria das inteligências múltiplas.

Sendo assim, é de grande valia ressaltar que antes da teoria criada por Gardner, os conceitos de inteligência eram muitos e, obviamente, não davam conta de abranger as áreas de desenvolvimento completamente. Gardner (1985) afirma que o termo *inteligência* “foi usada por indivíduos comuns numa tentativa de descrever os seus próprios poderes mentais e os das outras pessoas”. A partir desse conceito, criou-se um estereótipo de que pessoas inteligentes eram aquelas que compreendiam rapidamente e com facilidade os mais diversos assuntos.

¹ As informações biográficas a seguir estão disponíveis no site: <https://edukavita.blogspot.com.br/2015/07/biografia-howard-gardner-educador.html>. Acessado em: 06 de outubro de 2017.



Gardner (1985), porém, se posiciona contrariamente a isso. Para ele, há uma *pluralidade de inteligências* que se desenvolvem de maneiras e tempos diferentes em cada pessoa e um fator que influencia esse desenvolvimento é a cultura. Desse modo, a criança é influenciada pelos gostos e peculiaridades das pessoas que a cerca, de modo que, ela torna-se mais comunicativa, extrovertida, esportiva (ou o contrário) conforme é ensinada a isso. Sendo assim o autor afirma que as inteligências são “múltiplas para enfatizar um número desconhecido de capacidades humanas diferenciadas, variando desde a inteligência musical até a inteligência envolvida no entendimento de si mesmo”.

Visto isso, Gardner (1995) propõe uma variedade, inicial, de sete os tipos de inteligência que, posteriormente, aumentaram para nove e podem ser desenvolvidos mais corriqueiramente pelas pessoas. São elas: a lógico-matemática, a linguística, a musical, a espacial, a corporal-cinestésica, a intrapessoal e a interpessoal, naturalista e existencialista.

Na primeira, a lógico-matemática, a criança

pode decodificar, analisar, sintetizar, compreender, avaliar e questionar os “modelos” socialmente impostos e, por meio da vivência de aventura, expressar-se resistente às perspectivas de manutenção ou de transformação desses modelos. (GÁSPARI e SCHWARTS, 2002).

Desse modo, com a inteligência lógico-matemática, há o desenvolvimento da criticidade do ser, de maneira efetiva e coerente. Estas características geram o estereótipo de que esta inteligência, assim como a inteligência linguística, que abordaremos a seguir, são mais “importantes”, devendo, assim, serem abordadas com mais frequência pelas escolas, por exemplo.

A segunda inteligência, a linguística, é responsável pelo desenvolvimento de uma linguagem com características próprias para o ser, de modo que ele possa interagir e se expressar de maneiras variadas, fortalecendo marcas comunicativas do falante. Gardner (1985, p. 14) pontua: “a inteligência linguística é o tipo de capacidade exibida em sua forma mais completa, talvez, pelos poetas”. Isso ocorre, pois, na maioria dos casos, os escritores de poesia conseguem transmitir sentimentos, musicalidade, conhecimentos gramaticais, métricos, específicos ou não do gênero, de forma tão coerente e tão sensível que “atinge” os mais variados públicos, além de possibilitar diversas interpretações sobre o mesmo poema.

Já a terceira inteligência proposta por Gardner, a musical, explora a sensibilidade do homem para desenvolver os sentidos do corpo. Sobre isso Gáspari e Schwarts (2002) asseguram:

A comunicação do homem no e com o mundo real, estimulada nas práticas de aventura, inclui a capacidade de utilizar sons naturais como forma de expressão. As experiências dessa natureza, pouco comuns, colocam o homem num estado de alerta, do qual decorre sua suscetibilidade para sons, cheiros, indícios, sensações, representando, simbolicamente, o ver-ouvir-sentir dos ritmos internos de seu próprio corpo, harmonizado com o exterior. (GÁSPARI e SCHWARTS, 2002).

Além de possibilitar o conhecimento musical do ambiente ao qual está exposto a inteligência musical possibilita que tenhamos facilidades em tocar instrumentos, identificar os sons que esses instrumentos produzem, assim como discernirmos qual instrumento produz qual som, sendo assim muito comum em músicos, cantores e afins.

A quarta inteligência, a espacial, por sua vez, explica como são criadas as noções de espaço, tanto em um modelo mental, quanto em um material, de modo que é provocada “a substituição do eu determinado pelo eu espontâneo” (GÁSPARI e SCHWARTS, 2002), ou seja, é possível compreender a influência do espaço no desenvolvimento intelectual da pessoa. Sendo assim, Gardner (1985, p. 15) afirma:

a inteligência espacial é a capacidade de formar um modelo mental de um espaço e de ser capaz de manobrar e operar utilizando esse modelo. Os marinheiros, engenheiros, cirurgiões, escultores e pintores, [...], possuem uma inteligência espacial altamente desenvolvida.

Na quinta inteligência, corporal-cinestésica, é possível desenvolver as capacidades de conhecimento do próprio indivíduo, como expansão dos limites motores, habilidade de resolver problemas ou elaborar produtos utilizando o corpo, como ocorre com frequência com atores, dançarinos, atletas, etc. (TRAVASSOS, 2001).

A sexta inteligência a ser desenvolvida é a intrapessoal. Nela o ser aprende a ter uma boa relação consigo próprio, fazendo uma análise verdadeira de si, sem se autojulgar, possibilitando controlar a própria vida de maneira coerente. A inteligência interpessoal, por sua vez, mostra um ser que consegue interagir de forma espontânea e natural com outros seres, ou seja, tem a capacidade de entender outras pessoas, mobilizando “atitudes e valores essenciais no relacionamento (cooperação, respeito, paciência, solidariedade, empatia, reconhecimento da emoção alheia, criticidade, criatividade, encorajamento na busca de soluções sem imposição de ideias)” (GÁSPARI e SCHWARTS, 2002).

A oitava inteligência, naturalista, explora as relações homem/natureza. Nela, é possível reconhecer informações próprias da natureza e distinguir os elementos que compõem a fauna e flora, por exemplo. A nona e última inteligência explorada por Gardner é a existencial que proporciona uma reflexão do ser sobre si e “amplia as possibilidades de elevar-se além da realidade cotidiana, de extrapolar os limites sociais, aos quais precisa resistir.” (GÁSPARI e SCHWARTS, 2002).

Portanto, após conhecermos as inteligências múltiplas propostas por Gardner (1985), é possível afirmar que não há um tipo fixo para desenvolvermos cada inteligência e que podemos desenvolver as nove em estágios diferentes da vida, e algumas podem ficar mais evidentes que outras. Desse modo, as pessoas podem evidenciar facilidade pouco frequentes em determinadas inteligências, todavia, é mais recorrente o uso combinado entre elas, principalmente em adultos.

As inteligências múltiplas e a educação

Como dito anteriormente, as inteligências múltiplas obtiveram forte aceitação dos profissionais e estudiosos da educação, isso proporcionou um novo pensamento sobre o ensino que visava romper com os métodos tradicionais. Gardner (1995, p. 32) afirma: “Uma vez que as inteligências se manifestam de maneiras diferentes em níveis desenvolvimentais diferentes, tanto a avaliação quanto a estimulação precisam ocorrer de maneira adequada”. Sendo assim, o ensino tradicional, que visa enfatizar as capacidades linguísticas e matemáticas dos estudantes, não se adequam ao proposto por Gardner, já que o estímulo às capacidades dos alunos não são efetivadas adequadamente.

Desse modo, Gardner (1995) propõe que as inteligências não sejam apenas o “conteúdo da instrução”, mas também o meio pelo qual o conteúdo será trabalhado. Sendo assim, é possível afirmar que a teoria das inteligências múltiplas tende a explorar potencialidades dos alunos, não apenas o que é proposto pelo currículo escolar.

Por outro lado, Freitas e Tavares (s.d) consideram que:

Para que as crianças se desenvolvam e vivenciem um processo de ensino e aprendizagem de qualidade, é essencial que o ambiente escolar seja adequado para contribuir nesse processo. O espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para o desenvolvimento físico e cognitivo dos alunos considerando a faixa etária de cada um e também os vários momentos lúdicos que lá acontecem.

Desse modo é importante salientar a função da escola e seus profissionais no processo de aprendizagem infantil. Estes devem dispor de conhecimentos técnicos sobre os conteúdos, mas também, compreender que a forma como o conteúdo é trabalhado interfere diretamente na aprendizagem.

Portanto, termos conhecimentos das inteligências que os alunos podem desenvolver, nos possibilita criarmos mecanismos e didáticas para ajudarmos no aumento das capacidades cognitivas dos mesmos, de modo que a criticidade e criatividade tão cobradas no âmbito educacional não sejam “impossíveis” de serem exploradas.

Cinema e Psicologia

As artes visuais, em especial o cinema, trazem boas representações do psicológico humano. Seja por meio de curtas ou longas metragens, ele consegue representar conflitos, dores, pânico e sentimentos, no geral. Sendo assim, Skip Dine Young (2014), explana que a Psicologia pode fazer diversas interpretações, com as mais variadas perspectivas, sobre o mesmo filme. Desse modo, o autor salienta que

Uma abordagem da classificação do comportamento exibido no filme é relativamente intuitiva. Um analista simplesmente define um padrão de comportamento particular e depois identifica filmes, personagens e gêneros selecionados que exemplificam essas tendências. (YOUNG, 2014, p. 37).

Ou seja, conforme a abordagem teórica do pesquisador, o material da pesquisa é escolhido, de modo que se possa encontrar, ao menos, vestígios do que se é procurado. Desse modo, as pesquisas buscam analisar algo específica dentro dos filmes, como o diagnóstico de autismo, em O enigma das cartas, porém, durante a análise, outras descobertas podem ser realizadas e acrescentadas ao trabalho, de maneira eficaz.

Por outro lado, Young (2014) destaca que as doenças psicológicas, por exemplo, são retratadas, muitas vezes, de maneira errônea, ridicularizando, e atribuindo características violentas/exaltadas às personagens que sofrem com os transtornos. Isso cria estereótipos perigosos para quem assiste a esse tipo de representação, pois mostra contextos equivocados sobre a realidade. Sobre isso, o autor completa: “os filmes que são solidários com relação aos personagens que sofrem de doenças mentais podem ter um efeito potencialmente humanizador” (p. 73), ou seja, boas



representações sobre os transtornos psicológicos possibilitam que possamos compreendê-los e tratá-los com mais empatia e menos pré-conceitos.

Sendo assim, é possível notar que cinema e psicologia andam juntos, quando trabalhados de maneira precisa, e podem possibilitar conhecimentos sobre a consciência humana, se bem aferida. Portanto, utilizar ambos em uma pesquisa pode gerar boas contribuições para o âmbito acadêmico.

Cinema e Educação: algumas considerações

A utilização de filmes em salas de aula torna-se cada vez mais frequente. Sendo esse um mecanismo bastante eficaz para a produção de leitores críticos, como afirma Napolitano (2009) apud Silva (2014), os filmes tornam-se aliados do ensino, possibilitando aprendizagens e visões de mundo diversificadas. Além disso, os reflexos da sociedade representados pela sétima arte nos traz a possibilidade de analisarmos como os fatos do dia-a-dia podem influenciar no cotidiano das pessoas.

Miranda et al (2006) afirma:

A relação entre cinema e educação, inclusive a educação escolar, faz parte da própria história do cinema. Desde os primórdios da produção cinematográfica a indústria do cinema sempre foi considerada, inclusive pelos próprios produtores e diretores, um poderoso instrumento de educação e instrução.

Sendo assim, as relações entre cinema e educação estão diretamente ligadas, de modo que o primeiro pode gerar grandes contribuições para o último. Miranda et al (2006) afirma ainda que “as imagens e os audiovisuais nos educam. Uma educação cultural que possui uma didática construída na tensão política e mercadológica que envolve as produções culturais da nossa sociedade tecnológica” possibilitando que os espectadores aprendam com o que assistiram.

Sendo assim, por meio do cinema, é possível ampliar o leque de possibilidades de leituras, interpretações e formas de ver o mundo que nos é exposto, além de ele possibilitar o desenvolvimento de uma consciência reflexiva e crítica, de modo que possamos tê-lo como ferramenta de ensino dentro e fora da sala de aula.

Inteligências múltiplas: uma análise do filme “O enigma das cartas”

O enigma das cartas, filme de 1993, narra a história de Sally, menina de 5 anos, que após a morte trágica de seu pai (no México), reage de maneira intrigante ao retornar para sua casa nos



Estados Unidos. A menina recusa-se a voltar a falar e começa ter atitudes estranhas. Dentre estas, é importante salientar a dificuldade da comunicação oral, a fixação por objetivos postos em lugares específicos e o desenvolvimento de capacidades motoras não desenvolvidas anteriormente. Com o decorrer da trama, a mãe de Sally, Ruth Matthew, nota as mudanças de comportamento da filha, porém, crê que seja por causa do forte trauma sofrido recentemente. Após um incidente na escola da criança, Ruth foi notificada que um colega da filha se machucou ao tentar imitar Sally, que subiu em uma árvore e, por isso, a menina precisaria passar por um tratamento psiquiátrico. *A priori*, a mãe foi contra, todavia, o médico presenciou uma crise da menina, a qual estava em cima do telhado, juntamente com a mãe, gritando desesperadamente por haver uma mudança na posição que o boné que a mãe estava usando. Após o ocorrido, o psiquiatra diagnostica a criança como autista, deixando Ruth ainda mais transtornada.

Com o passar dos dias, outro fato importante acontece: após levar a filha ao seu trabalho (uma construção de prédio), Ruth se depara com a menina no quadragésimo andar, sendo assim, acusada de negligência e obrigada a aceitar o tratamento psiquiátrico para sua filha. Após alguns dias de tratamento, sem resultados, Sally constrói um “castelo de cartas” em seu quarto, surpreendendo sua mãe e seu irmão mais velho, já que ela nunca havia feito algo parecido. Ruth fotografou a construção da filha e mostrou ao psiquiatra, como forma de provar que sua filha não tinha problema algum. Este, por sua vez, mostrou à mulher diversos casos cujas capacidades das crianças haviam sido desenvolvidas de maneira parecida. Outro episódio importante foi quando a Sally estava numa sala de pintura com o psiquiatra e após este se ausentar, ela se camuflou de árvore, ou seja, ela utilizou as tintas da sala para pintar o próprio corpo e ficar “invisível” na sala. O próprio médico achou que a garota havia fugido, porém, depois de um olhar mais atento, percebeu a camuflagem realizada pela personagem. Concomitantemente a isso, Ruth tentava reproduzir em tamanho real o “castelo de cartas” produzido pela filha, como forma de conseguir interagir com ela novamente. Sendo assim, por meio dessa construção, Sally conseguiu despedir-se do pai, que para ela, morava na lua, e reestabelecer laços com a família, voltando totalmente ao normal.

Levando em consideração o ocorrido com a Sally, agora nos deteremos a cada cena isoladamente. No primeiro fato curioso, a menina que antes não tinha habilidades motoras suficientes para escalar uma árvore, começa a ter desejo pela escalagem, inclusive realizando-a com êxito, de maneira que o esporte lhe parece fácil e familiar. Esta característica irá se repetir mais duas vezes durante o filme. Em uma ocasião, a menina escala a própria casa, sem medos de cair, desequilibrar ou afins. O mesmo acontece quando a garota escala o prédio em construção, que

continha quarenta andares. Ela sobe, olha o ambiente que a cerca, a altura em que se encontra, e mesmo assim, mantém-se calma e firme enquanto escala.

Esse fenômeno pode ser explicado com a inteligência cinestésica-corporal, que é a capacidade de controlarmos nossos corpos e desenvolvermos habilidades motoras como: equilíbrio, destreza, força, flexibilidade e velocidade. (ARMSTRONG, 2001, p. 16). Sendo assim, podemos afirmar que a menina conseguiu desenvolver com a escalagem duas características importantes da inteligência – a força e o equilíbrio – de modo tão impressionante que, até o médico que a acompanhava se surpreendeu.

Outra forma de expressão corporal bastante interessante desenvolvida pela personagem é a camuflagem em forma de árvore. Nessa ocasião, a menina aproveita que ficou sozinha na sala de pintura e pinta o próprio corpo, com uma riqueza de detalhes tão grande, que parece que ela saiu da sala. Seu corpo inteiro parecia o tronco da árvore. Desse modo, podemos observar outra característica da inteligência cinestésica-corporal: capacidades próprio-ceptivas, táteis e hápticas (ARMSTRONG, 2001, p.14), cuja função é desenvolver habilidades motoras voltadas para o próprio corpo. Sendo assim, a menina consegue reconhecer em si própria uma forma de desenvolver a arte, por exemplo.

A última cena intrigante envolvendo a Sally é a construção do castelo de cartas em torno de seu corpo. A menina, que nunca havia demonstrado interesse pelo jogo de cartas, pega um baralho de tarô que ganhou durante sua estadia no México e constrói um castelo que a cerca. Sua mãe ficou tão admirada com a dimensão da construção que a fotografa para tentar reproduzir. Neste caso, além do desenvolvimento do equilíbrio, para criar o castelo, a menina amplia a capacidade de criar um padrão de montagem, ou seja, ela cria uma forma lógica de erguer as cartas sem que elas caiam, dando, assim, destaque a inteligência lógico-matemática.

Desse modo, podemos observar que as inteligências múltiplas dão conta de analisar o porquê da cognição da Sally ter dilatado tanto, que características tão incomuns para o que era notório antes do trauma sofrido fossem observadas, contudo, para este trabalho, não foi viável a análise de como o trauma e o diagnóstico podem modificar a cognição humana, de modo que este é uma sugestão de pesquisas posteriores. Todavia, vale salientar que a ampliação das inteligências supracitadas é de grande valia pra o ensino, visto que desenvolvimento das mesmas ajudam as crianças, em especial, a terem uma facilidade de aprendizado em outras áreas do saber, que não seriam exploradas comumente. Sendo assim, é possível afirmar que a menina expandiu seus

conhecimentos cognitivos, e, apesar de retardar outros, foi possível obter um bom aprimoramento cognitivo.

Referências

ARMSTRONG, Thomas. *Inteligências Múltiplas na sala de aula*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FREITAS, Daiane Coimbra de; TAVARES, Helenice Maria. *Inteligências múltiplas na educação infantil*. Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Católica de Uberlândia. Disponível em:
<<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosn4v2/18-pedagogia.pdf>>

GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. In: _____. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GÁSPARI, Josset Campagna de; SCHWARTS, Gisele Maria. *Inteligências Múltiplas e Representações*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Set-Dez 2002, Vol. 18 n. 3, pp. 261-266. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n3/a04v18n3>>

KLAMMER, Celso Rogério; GNOATTO, Dejanira Malacarne; OZÓRIO, Érika Vanessa Kampa; SOLIERI, Mariluz. *Cinema e Educação: possibilidades, limites e contradições*. Florianópolis: UFSC, 2006. p. 872-882.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque; COPPOLA, Gabriela Domingues; RIGOTTI, Gabriela Fiorin. *A educação pelo cinema*. Disponível em:
<<http://www.fae.ufmg.br/setimaarte/images/pdf/miranda-cea-educ-cinema1.pdf>>

NAPOLITANO, M. *Cinema: experiência cultural e escolar*. In: TOZZI, D. (org.) caderno de cinema do professor: dois. São Paulo: FDE, 2009b; p. apud SILVA, Josineide Alves. *Cinema e educação: o uso de filmes na escola*. *Revista Intersaberes* | vol.9, n.18, p.361-373 | jul.- dez. 2014

TRAVASSOS, Luiz Carlos Panisset. *Inteligências múltiplas*. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, ISSN 1519-5228, Volume 1 - Número 2 – 2001. Disponível em:
<<http://www.redalyc.org/html/500/50010205/>>

YOUNG, Skip Dine. *A Psicologia Vai ao Cinema: o Impacto psicológico da sétima arte em nossa vida e na sociedade moderna*. Ed. 5. Cultrix,